

ACORDO INTERNO

Depois de um ano, professores e funcionários têm novo texto

Depois de quase um ano de exaustivas negociações, professores e funcionários deverão ter nos próximos dias um novo texto de Acordo Interno. Os acordos de ambas as categorias foram denunciados em abril de 2006, data em que a Reitoria propôs o início de novas negociações, para adequar cláusulas vigentes até então à nova realidade financeira da universidade.

As associações lutaram durante este período para que suas conquistas históricas não fossem descaracterizadas e, depois de uma série de reuniões, foram elaborados novos textos para cada categoria.

Os funcionários deverão assinar o seu novo acordo nesta terça-feira, às 9h30, numa cerimônia a ser realizada na Fundação São Paulo. Já os professores também decidiram em assembléias e depois através de uma consulta on-line, pela aceitação do novo texto. A APROPUC tem uma reunião agendada para esta semana com a Fundação São Paulo e Reitoria.

O Acordo que será assinado pelos professores já está disponível no endereço eletrônico www.apropucsp.org.br, e deverá ser alvo de nova publicação impressa. A AFAPUC também vai divulgar o texto aprovado, tanto em sua página na Internet como em publicação impressa.

Mas as negociações entre os professores e a administração da universidade não param por aí. A PUC-SP tem uma dívida com os docentes da universidade que hoje beira três salários brutos. Essa dívida é decorrente do atraso no pagamento de reajustes coletivos desde 2004. O Conselho Universitário aprovou um orçamento em que não está prevista nenhuma reposição para este ano, enquanto a Fundação São Paulo acenou com a possibilidade de novas negociações.

VITÓRIA!



FOTO UNIMEP/DIVULGAÇÃO

Assembléia que decidiu pelo fim da greve

Professores da Unimep são readmitidos

Terminou na semana passada a greve dos professores da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep).

Os 148 professores demitidos em dezembro de 2006 foram readmitidos, e as aulas recomeçaram na última sexta-feira.

Veja nesta edição a cobertura completa do movimento e a participação da diretoria da APROPUC na mobilização vitoriosa dos docentes.

17 de abril

Data que marca a memória do movimento social brasileiro. Uma marcha de camponeses sem-terra, em Eldorado dos Carajás, que exigia desapropriação da fazenda Macaxeira, foi bloqueada pela polícia militar, resultando em 19 manifestantes mortos. As cenas de violência e os corpos mutilados estarreceram as consciências.

Onze anos se passaram e os criminosos foram inocentados pela Justiça. O então presidente Fernando Henrique Cardoso criou o Ministério da Reforma Agrária. O Ato presidencial não levou à solução do problema da terra. Pelo contrário, serviu para desenvolver uma política de repressão ao MST.

O ministério de Raul Jungmann correspondeu aos interesses da UDR. Uma de suas medidas foi a de não mais desapropriar terras ocupadas pelo movimento. Porém o mais importante é que os assassinatos de camponeses continuaram ocorrendo sob a sombra do Estado; e a Justiça aumentou o cerco em torno dos sem terra.

À medida que a agroindústria e o agronegócio ganham força econômica e são protegidos por políticas governamentais, milhões de camponeses e operários agrários são empurrados para a miséria. Mas cresce nacionalmente a disposição de luta dos camponeses pobres - expropriados de seus meios de subsistência e desempregados. É o que demonstram em mais um "Abril Vermelho".

Muita ilusão foi depositada em Lula. O ex-metalúrgico e o PT prometeram afastar a oligarquia do poder e retirar da miséria a maioria. A reforma agrária foi inscrita no programa do PT como uma das grandes tarefas econômicas e sociais. O MST tornou-se um braço político do PT e base de apoio ao governo Lula. Conclusão: a reforma agrária não ocorreu, a linha dos assentamentos de FHC continuou prevalecendo, contudo sem cumprir as metas estabelecidas. A experiência vem mostrando que a terra não será conquistada por bondade de nenhum governo. Os latifundiários reforçaram suas milícias, os jagunços continuaram matando e o movimento pela terra tem sido acossado pela Justiça.

A prisão de Marcelo Buzetto é a prova mais recente de arbitrariedade.

Latifundiários, usineiros e agroindustriais estão cercados de proteção. Podem expulsar das terras milhares de pequenos lavradores, explorar parte deles como escravos nos canaviais, etc e manter à beira das estradas uma multidão de sem terra.

É contra tais relações de opressão que, neste "Abril Vermelho", o movimento dos pobres do campo deu demonstração de força social. Em todo país foram realizadas manifestações, com bloqueios de estrada, ocupações de terra e prédios públicos, liberação de pedágios e atos políticos nos centros urbanos. Nas universidades, estudantes se solidarizaram com os camponeses e levantaram as bandeiras do ensino público.

A mídia, porta-voz do capital, procurou mostrar o movimento social como obra de bárbaros. Incentivou a classe média a se horrorizar com a ousadia dos pobres do campo em mostrar que têm voz perante o poder da grande propriedade e do Estado burguês.

O juiz Luciano Brunetto Beltran deu o tom da repressão, do Pontal do Paranapanema, ordenou à polícia indiciar em inquérito 300 sem terra. Lembremos que em 14 de julho de 1995, em Corumbiara, Rondônia, os ocupantes da fazenda Santa Elina, foram massacrados por jagunços e policiais; poucos meses depois, os sem terra de Eldorado dos Carajás tiveram seu movimento tingido de sangue.

Nada disso, porém, demoverá os explorados de continuarem a marcha pela sua libertação da grande propriedade dos meios de produção e, portanto, da miséria.

Erson Martins de Oliveira,
Diretor da Apropuc.

DEBATE

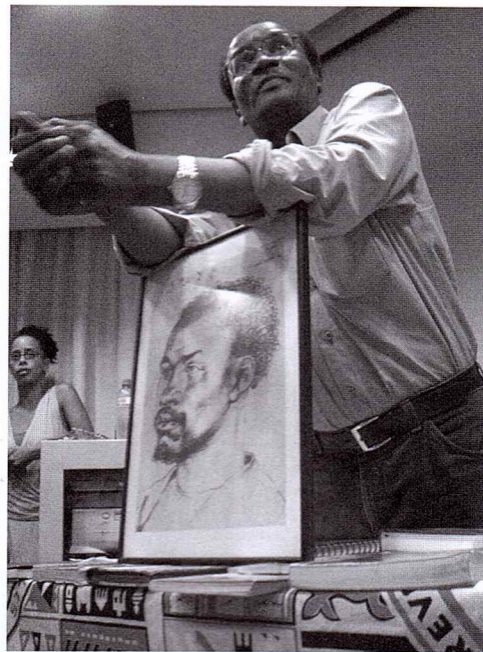
Oficina debate Literatura Negra

Na semana passada aconteceram na PUC-SP duas oficinas com o jornalista, poeta e escritor Oswaldo de Camargo, no Auditório Banespa da PUC-SP. Com o tema *Literatura Negra: Memória e Palavras Enegrecidas*, o evento colocou a comunidade em contato com um dos grandes poetas negros vivos, e aprofundou a discussão sobre um tema tradicionalmente negligenciado pela academia e pela sociedade brasileira: a Literatura Negra.

Durante o debate, houve intensa participação do público, estimulada por Oswaldo. Foram lidos poemas de Cruz e Souza, Luis Gama e Solano Trindade - falecido há exatos cem anos, assim como Machado de Assis. O som ambiente foi uma compilação de músicas de origem africana, desde o barulho de crianças marfinenses brincando até complexos quartetos de cordas.

Existe literatura negra?

"No Brasil, o negro não tem voz e não tem fala. É um verdadeiro vazio social" afirmou Oswaldo, ao lembrar que o negro é esquecido tanto pela literatura quanto pela historiografia oficial. Ele demonstrou como os escritores negros clássicos do Brasil,



FÁBIO NASSIF

Oswaldo de Camargo durante a palestra no Auditório Banespa

como Machado de Assis e Lima Barreto, não falavam sobre os descendentes de africanos em suas obras. Para o palestrante, existe uma característica essencial para se definir a literatura negra: o "eu". Citando um poeta que afirmava que "minha bandeira é minha pele", ele enfatizou a necessidade de se afirmar uma Literatura Negra. Sobre seu poema *Grito de Angústia* ("Sou negro, senhor. Sou negro"), o poeta de setenta anos diz que ainda é doloroso ver que este grito de afirmação ainda é o grito de muita gente.

As oficinas foram organizadas pelo Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (Cecafro), em conjunto com os programas de pós-graduação em História e Literatura e Crítica Literária.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 - Sala CA 02 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Sub-editor: Leandro Divera

Reportagem: Jaqueline Nikiforos e Pedro Nogueira

Fotografia: Fábio Nassif e Julia Chequer

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães



Foto APEOESP/Divulgação

Professores marcham pela Av. Paulista por melhores condições de trabalho

MANIFESTAÇÃO

Abril Vermelho também tem participação de professores e estudantes

O Abril Vermelho marca um período de ações de diversos movimentos sociais, sindicatos e entidades do país. A manifestação mantém viva a memória de um dos episódios mais brutais do recente Estado democrático brasileiro: o massacre de Eldorado dos Carajás.

No dia 17 de abril de 1996, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), a Polícia Militar do Pará foi responsável por uma chacina sem precedentes num acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST. Morreram na hora 19 trabalhadores. Outros dois faleceram semanas depois. Ficaram ainda 69 mutilados e centenas de feridos.

Passados todos esses anos, os mandantes da chacina continuam em liberdade. Em homenagem aos mártires de Carajás, a Via Campesina Internacional decretou em todo o mundo o 17/4 como Dia Internacional de Luta Camponesa. Aqui no Brasil, por iniciativa da então senadora Marina Silva (PT), o Congresso Nacional aprovou e o então presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou um decreto que declara a data como o Dia Nacional de Luta pela Reforma Agrária.

Neste ano, outros movimentos sociais, sindicatos e entidades de todo o país também tomaram para si o 17/4 como um dia de luta. Aos bloqueios de estrada e ocupações realizadas pelo MST, somaram-se protestos e paralisações de outros setores por todo o país.

A participação docente

No setor da Educação não foi diferente. Professores e estudantes da rede estadual de ensino, incluindo as universidades paralisaram suas atividades cotidianas para sinalizar um ultimato ao governador de São Paulo: sem as reivindicações atendidas, a categoria pode entrar em greve.

Na noite de 17/4, mais de cinco mil pessoas estiveram presentes à assembleia da Associação dos Professores do Ensino Oficial do Esta-

do de São Paulo (Apeoesp), no vão do Masp, para aprovar uma nova paralisação e outra assembleia com indicativo de greve no dia 10/5. Para tanto, será iniciado um amplo processo de mobilização, intensificando o chamado a toda a comunidade escolar do estado. No dia 8/5 serão realizados debates sobre a campanha dos professores em defesa da escola pública. No dia 9/5, acontecem as assembleias regionais.

O intuito é fazer com que as reivindicações da categoria sejam atendidas imediatamente. Os professores exigem melhores condições de trabalho; fim da aprovação automática; reajuste salarial imediato; piso do Dieese (R\$ 1.620,89 em fevereiro); incorporação das gratificações com extensão aos aposentados; garantia de emprego com estabilidade a todos os professores; máximo de 35 alunos por sala e um novo Plano de Carreira.

Após aprovarem as reivindicações, professores e estudantes partiram em passeata pela Av. Paulista rumo à Assembleia Legislativa de São Paulo.

Comunidade puquiiana recebe militantes do MTST

O que era para ser somente uma aula extracurricular acabou virando uma audiência pública dos militantes do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) no curso de Jornalismo. O evento, por decisão da assembléia dos alunos de Comunicação, compôs o calendário das atividades do dia 17 de abril (veja matéria nesta edição) e lotou uma das salas de aula da Comfil.

No encontro, os militantes do MTST Danilo e Helena, relataram o dia-a-dia do movimento, suas formas de organização política e cultural e a participação das mulheres dentro dos acampamentos dos Sem Teto.

Os militantes enfatizaram o caráter classista do movimento e revelaram as pesquisas feitas pelo MTST, que superam de longe todos os índices de

desemprego divulgados pelo IBGE.

O papel da mídia

Como não poderia deixar de acontecer num curso de Jornalismo, muito se discutiu sobre o papel da mídia na divulgação dos movimentos sociais. Para Danilo, a imprensa sempre procura individualizar o problema, nunca colocando as lutas de maneira coletiva. Ele considerou que, na condição de braço do Estado, os grandes veículos de comunicação procuram sempre “demonizar” o movimento, operando no sentido de forjar um “espetáculo da periferia”. O professor José



Militantes do MTST descrevem o dia-a-dia do movimento

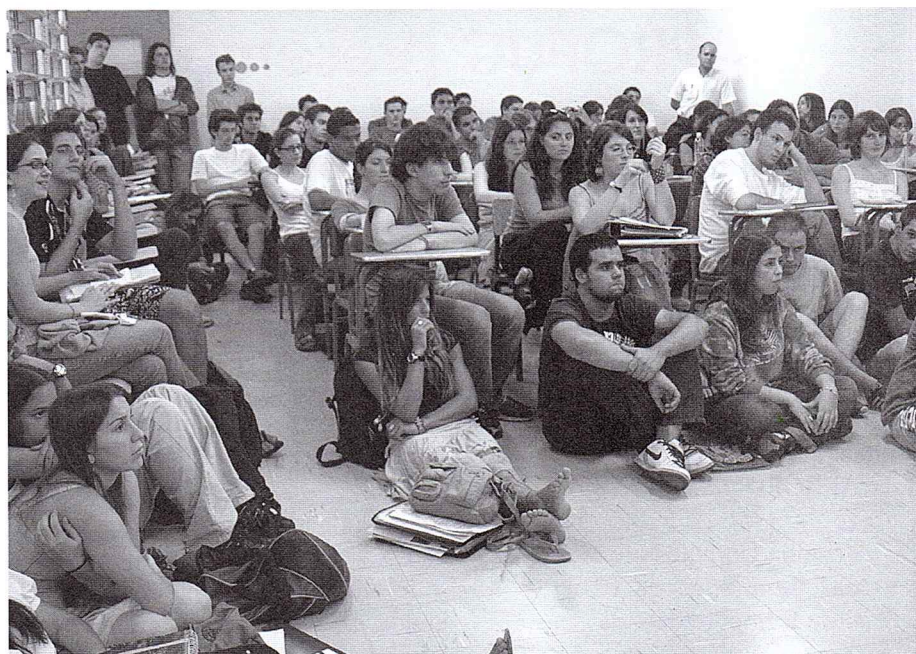
FOTOS DE JULIA CHEQUER

Arbex Jr. complementou lembrando que “a mídia, quando não consegue combater o movimento, procura formas de domesticá-lo, como no caso da novela *Rei do Gado*”.

Discutindo o papel que a universidade exerce hoje na sociedade brasileira, a militante Helena lembrou que “a universidade hoje está elitizada. Para se construir um conhecimento, é preciso estar junto das contradições e, como ela se afasta dos movimentos sociais, existe uma diminuição na produção de teoria crítica”.

Os estudantes lembraram que a mesma luta que é hoje travada pelos movimentos sociais acontece dentro da universidade, onde a diminuição da oferta de bolsas aos setores menos favorecidos da sociedade aumenta a elitização da PUC-SP.

O debate repetiu-se na noite de quarta-feira, 18/4, novamente despertando vivo interesse entre os professores e estudantes da faculdade.



Estudantes e professores do Curso de Jornalismo presentes ao debate

Professores da Unimep são readmitidos após 35 dias de greve

A luta coletiva e coesa dos professores contra as demissões é um exemplo a ser seguido

Depois de 35 dias de greve e quatro meses e meio de luta, os professores da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) chegaram a um acordo com a Reitoria, que garantiu a reintegração dos 148 docentes, demitidos em dezembro de 2006, e o cumprimento do Estatuto e do Regimento da Universidade.

Na semana passada, o reitor Davi Barros anunciou que aceitaria a proposta oferecida pelo juiz presidente do TRT-15, com a qual os professores já haviam concordado há um mês. Em assembléia realizada na quarta-feira, 18/4, os professores aprovaram o novo termo da proposta do reitor (em concordância com a do TRT) e deliberaram, por unanimidade, pelo final da greve.

A atual crise da Unimep teve início em 7 de dezembro de 2006, quando a reitoria demitiu 148 docentes sem justa causa e sem consulta aos Conselhos de Faculdade, conforme prevê o Estatuto. Para a Associação dos Docentes da Unimep (Adunimep), os critérios alegados revelaram-se falsos, e foram questionados desde o primeiro momento.

Proposta aprovada

Pela proposta aprovada na assembléia, os professores aceitaram uma redução salarial de 12,5% por dois anos. Depois desse período, o salário será recomposto. Haverá estabilidade no emprego até dezembro de 2009 e reinstalação do processo de escolha dos cargos



FOTOS UNIMEP/DIVULGAÇÃO

Acima os diretores da APROPUC, Erson Martins de Oliveira e Priscilla Cornalbas participam de debate no campus da Unimep; no destaque a mesa de negociação final entre os professores e a Reitoria da universidade

de Direção e Coordenação, nas Faculdades. As aulas voltaram à normalidade na sexta-feira, 20/4.

A luta dos professores representou um marco histórico para a Unimep. Desde a demissão em

massa, a mobilização foi permeada por solidariedade, disposição e persistência. Aos poucos, conquistou o reconhecimento da comunidade e da Justiça, que deu ganho de causa 11 vezes à categoria.

APROPUC presente

A Associação dos Professores da PUC-SP, APROPUC, acompanhou desde o início o desenrolar dos fatos na Unimep, mostrando a sua solidariedade através de documentos e moções publicados no *PUCviva*.

No dia 12/4, Priscilla Cornalbas e Erson Martins de Oliveira, diretores da entidade, estiveram num debate no câmpus da Unimep, em Piracicaba, levando a solidariedade da APROPUC aos professores em greve.

Priscilla Cornalbas fez um relato das demissões da PUC-SP e resaltou a importância da resistência dos colegas da Unimep. Já o

professor Erson lembrou a força com que os professores da Unimep vinham conduzindo a sua mobilização, resguardando a tradição de luta dos professores daquela instituição. Também ressaltou que a crise pela qual passa a Unimep reflete uma crise de cunho maior: a do modelo mercantilista de ensino, pela qual a PUC-SP também vem navegando durante estes últimos anos. Para o professor, essa crise coloca claramente a defesa do ensino público e gratuito, uma bandeira que não é fácil de se levantar, mas que precisa ser colocada caso queiramos defender a universidade.

Rola na rampa

Professores terão reajuste de 4%

Reunidos em assembleia na quinta-feira, 19/4, os professores do ensino superior aprovaram proposta para a Convenção Coletiva de Trabalho 2007, que prevê reajuste salarial de 3,5% em abril e mais 0,5% em agosto, totalizando 4%. Esses são os valores que deverão ser aplicados aos docentes da PUC-SP. A proposta aprovada também garante a criação de uma comissão intersindical que irá discutir, no prazo de seis meses, a regulamentação do trabalho docente na Educação a Distância, no ensino semipresencial, cursos modulares e seqüenciais. A nova Convenção estabelece que os pro-

fessores não terão mais que convalidar os atestados médicos no Sinpro-SP para garantir o abono de faltas. O atestado do próprio médico passa a ser aceito pelas mantenedoras. Foram mantidas todas as cláusulas da Convenção Coletiva do ano passado, além de conquistas históricas como garantia semestral de salários, hora-atividade, assistência médico-hospitalar e bolsas de estudo, entre muitas outras. O orçamento apresentado ao Conselho Universitário pelo vice-reitor administrativo, professor Flávio Saraiva, incluía um percentual para o reajuste de professores e funcionários.

Conversando com François Chesnais

No dia 30/4, às 19h30, na sala 330 (5.º andar do Prédio Novo) acontece o debate *Conversando com François Chesnais: O capitalismo contemporâneo*. O evento é organizado pelo NPPDH (Núcleo de Políticas para o Desenvolvimento Humano), do Programa de Estudos Pós-graduados em Economia.

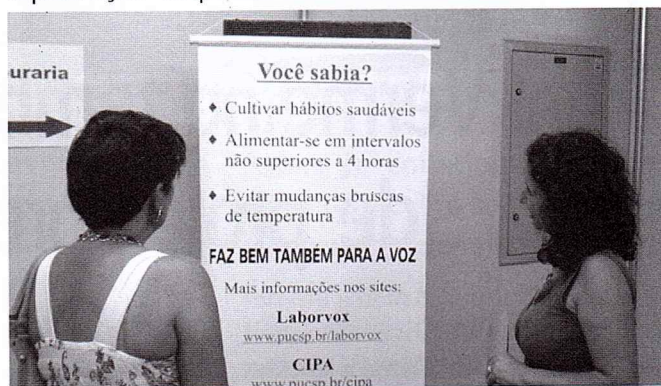
Encontros de Estudantes de Comunicação

A Enecos (Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social) realizará entre os dias 27/4 e 1/5, o Erecom (Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social – Sul/Sudeste) com o tema *Vão fazer um leilão: quem dá mais pela Educação?* O encontro congregará estudantes para discutir os rumos da Comunicação, da Educação e da sociedade brasileira. Informações e inscrições: 9562-0441.

Debate sobre legalização das drogas

O Centro Acadêmico Benedito Paixão realizou na sexta-feira, 13/4, um debate intitulado *Por que não legalizar? As raízes da proibição*, com a presença de Glauco Xenofonte e Gian Ciminelli, estudantes da UERJ, além de membros de um grupo de estudo sobre o tema. O debate procurou abordar a proibição enquanto cri-

minalização da pobreza, e salientou que a questão não pode ser tratada enquanto tema de segurança, e sim de saúde pública. Na quarta-feira, 11/4, a PUC-SP realizara um debate antidrogas, o que não motivou a existência do debate estudantil, mas fez com que este se tornasse um contraponto interessante.



No Saguão do Prédio Novo cartazes informam sobre o uso da voz

Atividades da Sipat

A Sipat (Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho) dá continuidade às suas atividades nesta semana com os seguintes eventos: no campus Monte Alegre, *Cuidados com a Visão*, com os

profissionais do Hospital de Olhos de São Paulo. Na Derdic, haverá um mural sobre DST/AIDS. Já para o campus Marquês de Paranaguá, está programada uma atividade sobre *Cuidados com a Voz*.

Marquês recebe espetáculo teatral

Até 6/5, professores, funcionários e estudantes da PUC-SP estão convidados a assistir aos ensaios e ao processo de criação do espetáculo *After Darwin*. A peça, de autoria da inglesa Timberlake Wertenbaker, estreia ainda no mês de maio. Ela aborda os conflitos entre Charles Darwin e o

capitão Robert Fitzroy, durante e após a viagem da navegação Beagle, que levou Darwin às terras onde aprofundou suas pesquisas biológicas. Os ensaios serão no auditório do campus da Marquês de Paranaguá, quartas-feiras, às 19h, e sábados e domingos, às 17h.